

Basilica do Coração de Jesus. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

Um dos mais sumptuosos monumentos architectonicos de Lisboa é a basilica do Coração de Jesus, conhecida vulgarmente por convento da Estrella, em razão de se ter edificado no largo do mosteirinho de Nossa Senhora da Estrella, dos frades benedictinos, onde actualmente se acha estabelecido o hospital militar.

Foi sua fundadora a rainha D. Maria I, em cumprimento de um voto que fizera para ter successor á coroa. Onze annos se gastaram n'esta custosa fabrica monumental, começada a 24 de outubro de 1779, e concluida a 15 de novembro de 1790, dia em que tomaram posse d'este seu novo convento as religiosas de St.ª Theresa de Jesus.

O risco e direcção da obra foram do major Matheus Vicente, o qual tendo fallecido em 1786, mortificado pelos defeitos que se lhe notaram e elle reconheceu no seu plano, foi substituido pelo major

Reinaldo Manuel, ambos discipulos da eschola de Mafra.

Levanta-se o edificio sobre um amplissimo adro, a que se sobe por uma escadaria rodeada de columnellos. A fachada tem quatro columnas que sustentam as estatuas colossaes da Fé, Adoração, Liberalidade e Gratidão, e aos lados, mettidas em nichos, as de St.ª Theresa, St.º Elias, St.ª Maria Magdalena de Pazzi.

Tres portas rasgadas entre as quatro columnas dão entrada para o vestibulo do templo, e duas abertas no envasamento das torres, dão serventia para o convento. Estas cinco portas, por baixas, estreitas, e amesquinhadas para tão nobre e magestosa fachada, são o principal e indesculpavel defeito d'esta sumptuosa basilica.

O zimborio, que se eleva ás nuvens com grande magestade e elegancia, e que attrahe a vista dos viajantes logo que apontam á barra de Lisboa, é a melhor peça do edificio. As torres, como a cúpula, moldadas pelas da basilica de Mafra, são de mais airosa estructura, e tem onze sinos mui harmoniosos, sendo colossal o das horas, que pesa 275 arrobas.

O vestibulo da egreja é decorado por duas estatuas: de Nossa Senhora e seu esposo S. José. As paredes do templo são revestidas de variegados marmores, assim como o pavimento. Na capella-mór ha dois seraphins guardando o throno, de primorosa esculptura; e do lado da epistola o mausoleo da regia fundadora, que tendo fallecido na corte do Rio de Janeiro, foi trasladada para este seu jazigo.

Os seis altares do corpo da egreja são adornados de excellentes quadros, um d'elles, o do Coração de Maria, pintado pela princeza do Brasil D. Maria Benedicta.

O convento tem dois frontispicios, um contiguo á fachada da egreja, e o outro, de muito melhor architectura, olha para a grande cerca do mosteiro.

Toda a esculptura interior da egreja é do celebre auctor da estatua equestre, Joaquim Machado de Castro, assim como o baixo relevo da frontaria; porém as estatuas do exterior são dos seus discipulos e outros artistas da eschola de Mafra, como nas mesmas estatuas se accusa.

Custou esta basilica 16 milhões de cruzados, gastos n'um tempo em que já a nossa decadencia era grande.

Quantas obras mais agradaveis e bem acceitas a Deus, por serem em proveito do proximo, se não fariam com tal somma?

E todavia não está ainda concluida! É uma vergonha, que estando o largo do convento hoje tão aformoseado com o fronteiro jardim publico, não se hajam posto os cancellos que desde a fundação se vêem substituidos por dois tapumes de madeira.

Lá anda agora um partido das obras publicas reparando alguns estragos do tempo; ficarão ainda aquelles remendos na sumptuosa fachada?

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catilina.)

VI.

A VIUVEZ.

I.

Dizem que o paiz do matrimonio tem isto de notavel: que muitos, vendo-o de fóra, desejam entrar para lá; e muitos mais, vivendo dentro, quereriam ser desterrados. Como, porém, se não póde nem deve acreditar tudo o que se diz, desnecessario é rebatermos essa proposição, mais engenhosa do que certa, em nossa humilde opinião.

No paiz do matrimonio não cabe desterro; d'esse paiz só ha uma porta que lhe dê saida: é a morte.

Os divorcios que nos tribunaes se confirmam costumam produzir vergonha; o verdadeiro divorcio que a morte estabelece, só produz afflicção.

É a viuvez o estado mais respeitavel de quantos se podem dar na vida da mulher.

Em som de chasco se tem dito, que em morrendo um casado, até á porta do cemiterio o acompanha a esposa, mas não o segue até ao sepulchro.

Que sabemos nós outros, os homens, de doenças do coração, para avaliarmos o que irá no de uma mulher de conta, que perde o companheiro de toda a vida?

Não o segue até á sepultura, mas fica na terra para chorar, e rogar por elle.

Quem tal bobice escreveu, cuidava não haver sentimento senão o que mata logo. Quando, de todos os sentimentos da alma, como disse um poeta, o que mata é o mais egoista, e o mais commodo.

O merito da afflicção ha de se medir pela magnanimidade que a soffre, e pelo pranto que a exprime. Deixar-se morrer de pena é um genero de suicidio menos vulgar que o do veneno e da pistola; porém sempre é suicidio; e o suicidio é covarde e repugnante.

A mulher de talento e coração é mais serena nas tribulações, que o homem mais tranquillo.

É difficilimo que o homem sorria com o peito lacerado de angustia. E a mulher sorri.

A perda de um filho desanima o pae, e não descoroçoa a mãe; a pena do pae será mais intensa; a afflicção da mãe é mais viva e penetrante.

A perda da mulher representa para o marido a morte das suas illusões.

A perda do marido representa para a mulher a morte das suas esperanças.

Consignando estas verdades, referimo-nos ao verdadeiro matrimonio, mysterioso engaste de duas almas, cujos alentos se confundem n'um, como o perfume de duas flores nascidas na mesma hastea.

Aos casamentos que o orgulho inventa, e o interesse realisa, são applicaveis quasi todas as trivialidades que sobre este ponto se tem escripto.

Não se podem exigir eguaes demonstrações na viuva de um homem digno e leal, e na viuva de um libertino.

Porém, sequer, nem a esta se applica em cheio o dicterio em que se compara a viuva com a lenha verde: que chora por um lado, e arde pelo outro.

Ha já muitos seculos que viveram Artemisa e Porcia; e, de então para cá, se a humanidade mudou em seu modo de sentir, tem sido para melhor, para sentir ainda mais.

Não: nem a viuva do libertino, nem a mulher que no perder o marido se livra do tyranno que a sacrificava, deixam de verter lagrimas; lagrimas do coração: porque a mulher perdoa; porque encerra em si um thesouro de ternura; porque sente por si e para si; e não, como de ordinario se cuida, para merecer a consolem.

Exceptuam-se da regra as mulheres que não tem coração; para essas nem o matrimonio nem a viuvez são negocios de vida ou morte, — são simplesmente negocios.

II.

A castidade das viuvas é, no entender de S. Jeronimo, a castidade mais difficil e meritoria.

O estado de viuvez, segundo Mad. Girardin, é o

estado mais incommodo da vida da mulher, por quanto é preciso recobrar a modestia da joven, e impossivel fingir sequer a sua ignorancia.

No dia em que a mulher se casa, adquire, segundo o vulgo, toda a liberdade que o homem perde.

No dia em que a mulher enviuva, entra, segundo o vulgo, na plenitude da liberdade.

Rectifiquemos a opinião do vulgo.

No dia em que a mulher se casa, perde tanta liberdade physica, quanta liberdade moral adquire o homem.

No dia em que a mulher enviuva, perigam, se é que não fenecem, as suas liberdades: physica e moral.

A religião impõe-lhe deveres; impõe-lh'os, em fim, a lembrança do homem a quem pertenceu.

Tem razão Mad. Girardin; não ha nada mais incommodo do que o estado de viuvez.

Por ser tão incommodo é que procuram sair d'elle muitas mulheres.

O amor de uma viuva, sejam quaes forem os seus attractivos, será bello como a dahlia; porém carecerá, como a dahlia, de fragrancia.

A candura juvenil é uma rosa fragrante e louçã; a louçania e o aroma da rosa captivam na primavera, e morrem á entrada do estio.

Não quer isto dizer, que o ultimo e mais socegado dos solteiros d'hoje em dia não seja menos innocente do que a mais avisada das viuvas; porém, de todos os modos, a sociedade, ou antes, nós os homens temos disposto que a honra das mulheres seja, para certos casos, de vidro, e a nossa de ferro fundido.

Isto é, que a mais pudica das viuvas, segundo o nosso systema especialissimo, tem perdido para o mundo mais do que o primeiro licencioso, com tanto que esteja celibatario.

É mui logica a logica do nosso systema.

Um viuvo que se casa parece-nos quasi sempre um homem cordato.

Uma viuva que se casa parece-nos quasi sempre uma mulher louca.

Para a mulher d'alma e apaixonada é a viuvez só uma ausencia, mais ou menos, prolongada. As almas que na terra foram uma, devem esperar tambem sêl-o no ceo.

A viuva que se casa deixa viuva a alma de seu marido.

Quando se encontrarem n'outra vida mais feliz, ha de o marido achal-a unida a outro homem!

De ordinario é louca a viuva que passa a segundo matrimonio; porque, se foi feliz no primeiro, deve o seu coração e a sua existencia á fidelidade, ao sentimento e ás recordações; se foi desgraçada, faça conta, porque é quasi um axioma, que não ha segunda parte boa.

A sinceridade do amante, a respeito de uma viuva, é mui duvidosa. Se a viuva é seductora por suas condições sociaes, então deixa de ser duvidosa a sinceridade; o que então se torna patente é a insensatez da viuva.

N'este caso quem mais perde é o pretendente; porque acceita a mulher que offerece symptomas de louca pelo facto de casar-se, mais symptomas de sandia por não conhecer que a enganam.

O marido de uma mulher que já o ha sido de outro, e que, além d'isso, apresenta signaes de loucura e sandice, tem quanto necessita para ser o mortal mais venturoso da terra.

Só o risco de que sua esposa viva em interminavel conjugação, comparando o *passado* com o *presente*, importa mais que todas as vantagens *futuras* que o tenham arrastado até á viuva.

Duas verdades para concluirmos.

A viuvez, decorosamente guardada, é o estado mais respeitavel de quantos se podem dar á vida da mulher.

As lagrimas da viuva perdem a sua poetica amargura desde o momento em que se avisinhe a enxugal-as a mão do autor.

(Continúa).

BRITO ARANHA.

JOSÉ GARIBALDI.

Em 1807, por uma bella manhã do mez de junho, um pescador, conhecido pela sua probidade, costumes patriarchaes, e amor á Italia, sua patria, saltava na sua barca, em Nice, com sua mulher, e dois remadores. D'esta vez não era pela pesca, que o bravo Garibaldi se fazia ao mar: procurava satisfazer um capricho da consorte que, proxima a ser mãe, queria respirar e temperar forças nos perfumes da fresca brisa do Mediterraneo.

Pela tarde rebentou a tempestade. O mar agitou-se. Felizmente a barca pôde alcançar porto. Mas no seio da tormenta, imagem do poder divino, tinha nascido um filho ao pescador, no alto mar, como nascem os alcyons.

José Garibaldi foi educado como pescador, mas ao mesmo tempo com extrema sollicitude. Todas as tardes, depois dos rudes trabalhos do mar, recebia lições d'um amigo. Progrediu rapidamente, maximè em mathematica. Depois de exames distinctos, entrou como official na marinha sarda, á qual já a sua familia fornecêra excellentes servidores.

Na sua carreira de marinheiro mostrou, sendo bem joven ainda, quanto era bravo, aventuroso, ardente, amigo dos fracos.

Entretanto, no meio d'aquella vida activa, uma idéa fixa o atormentava, idéa que tem sido o movel de toda a sua vida, a independencia da patria.

Distinguia-se pela coragem e sangue frio. Em 1834, em vesperas de ser promovido, comprometteu-se n'uma conspiração em Genova, e teve que refugiar-se em França. A pé atravessou as montanhas até Nice, onde esteve dois dias escondido em casa d'um amigo, M. Geaumiers. Disfarçado com o trage de camponez passou o Var.

Depois de residir dois annos em Marselha, entregue ao aperfeiçoamento dos seus estudos mathematicos, saiu para a alta Italia attrahido por graves successos. Esse levantamento contra a Austria abortou. Como vencido, puzeram-lhe a cabeça a preço, e teve que salvar-se na *Montanha Negra*, na Lombardia, região mais desconhecida do resto da Europa, que o interior das Indias, ou os desertos do Novo-Mundo.

N'esse tempo, o heroe da recente guerra da independencia italiana era moço e bello, dotado de força e agilidade prodigiosas.

Pouco depois soube que tinha perdido seus paes. Restava-lhe um tio velho, ecclesiastico, que servia um curato não longe d'alli. Com elle viveu algum tempo no modesto presbyterio, dividindo os dias entre a caça e a lição de auctores favoritos.

Levava esta vida contemplativa, pranteando a patria escrava, sonhando sempre com a sua independencia, quando o tio, á borda da sepultura, lhe aconselhou que abandonasse aquelle paiz em que a sua cabeça corria risco, e só voltasse quando soasse a hora da suprema insurreição.

Privado de meios pela morte do velho cura, mudou de nome e entrou como mestre no palacio de Ransbergue, situado no meio das montanhas.

Além do herdeiro, ainda infante, e confiado aos cuidados de Garibaldi, o conde de Ransbergue tinha uma filha. A encantadora Margarida e o preceptor

viam-se todos os dias, e amaram-se logo, amaram-se loucamente.

O conde de Ransbergue era viuvo e pouco vigilante na guarda da filha. Uma tarde voltando inesperadamente da caça, surprehendeu Garibaldi aos pés de Margarida, com a cabeça encostada ás suas mãos e aos seus joelhos. Garibaldi não mostrou experimentar grande embaraço, e sustentou fixamente as vistas colericas do conde, que correu sobre elle.

— És um infame, um miseravel, um lacaio que expulsarei d'esta casa á ponta de chicote!

E juntando a acção á palavra, bateu-lhe na cara com o chicote de caça.

Garibaldi saltou como leão ferido! Apertou convulsamente a faca de mato que trazia sempre no cinto, e ia cair sobre o conde, quando Margarida em lagrimas, meia morta de susto, lhe embargou o passo. A arma caiu-lhe das mãos: rapidamente a furiosa convulsão de seus labios desappareceu, para dar logar a um sorriso de desprezo.

— Conde (lhe disse elle), este signal no meu rosto é a vossa assignatura no meu contrato de casamento com vossa filha! Agradecei-lhe a vida que vos acaba de salvar. Dentro em pouco virei reclamar minha esposa, e não m'a recusareis. Chegareis mesmo a fazer n'esse dia uma illuminação real. Vereis que um lacaio póde curvar a cabeça, mas que eu vingo-me.

Isto dito, correu para Margarida, beijou-a na testa, e desappareceu na montanha.

Quasi um mez depois d'esta scena, uma noite em que pae e filha estavam sentados ao fogão, e o vento do mar soprava rijamente, ouviu-se grande tumulto da gente de casa, que gritava por todas as escadas e corredores: *Fogo! Fogo!* Ao mesmo tempo a porta do salão abriu-se, e um homem com chapeo de abas largas e banda vermelha, branca, e verde, dos patriotas italianos, appareceu no limiar. Margarida reconheceu-o, soltou um grito, e por uma attracção magnetica foi cair-lhe nos braços.

— Vem (lhe disse Garibaldi), podemos partir agora. O fogo purifica tudo. Não restará pedra sobre pedra da casa em que recebi o mais pungente dos ultrages.

Ajudado da sua gente, e d'uma liteira, conduziu para as montanhas Margarida.

O conde abandonou o palacio devastado pelas chammas, e foi residir n'outra propriedade que tinha perto. Passados dias reappareceu-lhe a filha dando-lhe a nova de que estava casada. O pae quasi enlouquecia, mas o amor da filha venceu-o. De tempo a tempo repetia a mesma visita.

Depois do incendio, Garibaldi, que fazia aos austriacos a implacavel guerra das montanhas, foi perseguido como animal feroz. Puzeram-lhe de novo a cabeça a preço; mas isto deixou-o algum tempo em paz, porque ninguem se julgava particularmente obrigado a prendel-o.

Achava-se então á frente d'um grupo de patriotas, organisados regularmente. Faziam a guerra de guerrilhas, com muita cortezia: tributavam um pouco os ricos, principalmente os que pactuavam com a Austria; e protegiam os camponezes contra todas as tyrannias e vexações. Era por isso que Garibaldi era acolhido em todas as herdades, cujos habitantes lhe serviam admiravelmente de auxiliares, livrando-o muitas vezes de ser surprehendido. Errante nas montanhas, mudava frequentemente de logar, e apparecia com denodo em todas as partes a que o menor dever o chamava. Dotado de audacia e destreza admiraveis, conhecendo todas as devezas das montanhas, surprehendia facilmente as tropas que iam contra elle, e por isso não ousavam ellas entranhar-se muito no paiz em seu seguimento.

No meio das suas emprezas, no meio da gloria patriotica que o rodeava, o seu amor por Margarida, que já o fizera pae, augmentava de dia para dia. A unica cousa que tinha o poder de affligil-o, eram as privações que muitas vezes era obrigada a experimentar, depois que se associára á sua vida nómada.

Victima de mil agitações, que exerciam funesta influencia no seu temperamento nervoso e no seu cerebro enfraquecido, uma doença de peito ameaçava os dias da infeliz. N'uma d'aquellas curtas visitas que fazia a seu pae, caiu enferma. Dentro em pouco estava morta!

Tinham-lhe disposto o enterro. Em torno do leito uma dupla ordem de tochas espalhava trémula claridade sobre aquella fronte pallida e descarnada. Mulheres ajoelhadas recitavam funebres orações. O conde de Ransbergue, com os cabellos meio encanecidos, com as faces occultas, mas cobertas de lagrimas, estava no meio d'ellas. Repentinamente apparece Garibaldi. Aproxima-se do cadaver, e rouba-o pela segunda vez, deixando todos gelados d'espanto. N'um logar da montanha onde, havia muito tempo, nenhum austriaco ousava penetrar, ao pé d'um rochedo, entre juncos e estevas foi enterrado. Hoje o logar tem o nome de *Margarida*.

Desde esse dia o caracter de Garibaldi ficou sensivelmente modificado. Aborrecimento insupportavel lhe fazia a vida pesada. Um dia vendo que a hora do livramento não chegára ainda, despediu-se dos companheiros, promettendo-lhes correr ao seu encontro quando fosse tempo. Atravessando mil perigos tornou a França. Em Marselha embarcou n'uma corveta egypcia. Entrou como official de marinha no serviço do bey de Tunis; mas, poucos mezes depois, carecendo de maior actividade, partiu para a America do sul, offereceu a sua espada ao Uruguay, e recebeu o commando em chefe da esquadra mandada contra Buenos-Ayres. No decurso de dois annos assignalou-se n'este posto eminente, mostrando todas as qualidades militares que fazem os grandes capitães.

— «Não é um homem (diziam os naturaes), é o diabo.»

Em verdade a sua audacia era mais que prodigiosa.

Um dia, saltou n'um fragil esquife, simples barco de pesca, para ir, coberto por nevoeiro denso, fazer um reconhecimento nas proprias aguas da esquadra inimiga. Acompanharam-no só doze marinheiros, que tinham feito parte da legião italiana, cujas reliquias attrahíra para além-mar. Dentro em pouco a cerração que protegia esta empreza, que fazia lembrar as proesas de Duquesne, de João Bart e de Surcouf, abriu-se e deixou o intrepido almirante e seus companheiros cercados pelo inimigo. Persegue-os uma goleta a tiros de canhão. Garibaldi póde ganhar o largo, e, quando vem a noite, refugiar-se sem viveres n'uma bahia. A goleta fecha-lhe a saida, ancóra, e espera o amanhecer. Feito era de Garibaldi! Todo o mundo o supporia assim, menos elle e os seus. De noite váram o barco em terra, carregam com elle atravez d'um cabo, e vão intrepidamente pol-o a nado do outro lado. Seria para fugir? Não. Para atacar a goleta pela retaguarda! Com effeito, no meio da obscuridade sobem á abordagem, invadem o navio inimigo, derribam os homens de quarto, fecham as escotilhas para inutilisar os que repousam, e assim, com toda a equipagem prisioneira, voltam triumphantes no proprio navio que devia tomal-os!

Mais tarde Garibaldi bateu com forças mui inferiores o almirante inglez Brown. Depois da intervenção anglo-franceza sustentou combate encarniçado no rio Uruguay contra um inimigo não menos intrepido e muito mais numeroso. Derrotado, não perdeu a cabeça: desembarcou os mortos e feridos, e

lançou fogo á sua frota, para que não caísse em poder do almirante.

Foi então que formou em Monte-Videu a legião italiana, o mais formidavel inimigo de Rosas. Com este punhado de soldados amestrados por elle para a guerra dos partidos, e sobre os quaes exercia um prestigio magico, fez maravilhas. Um dia, em Salta, viu-se com trezentos homens, cercado por tres mil inimigos. Gritam-lhe que se renda: responde como Cambronne e como todos os bravos: supporta o fogo dos adversarios, cala sobre elles bayoneta, e põe-nos em retirada. Depois d'este feito d'armas decretou o governo de Monte-Videu, que a legião italiana tinha bem merecido do paiz, e que teria a direita, mesmo a par das tropas indigenas, em todas as formaturas.

As occurrencias de 1848 chamaram Garibaldi á Europa. Lançou-se no Tyrol á frente d'um corpo de voluntarios, e bateu os austriacos. Teve tambem o seu Thermopylas; mas saíu-se melhor. Uma noite, foi cercado e os seus pelos regimentos austriacos.— «Parece-me que estamos perdidos, meus amigos (disse elle á sua gente: se é preciso morrer, vendamos cara a vida; quanto mais croatas matarmos, menos inimigos para a Italia. Tratemos entretanto de saír d'este cerco: segui-me todos!» — E assim dizendo, metteu ambas as esporas no cavallo, e lan-



Garibaldi. — Gravura de Coelho Junior.

çou-se com a cabeça baixa no meio da columna austriaca, cortou-a, passou sobre corpos, e sumiu-se. Quando os estupefactos quizeram perseguil-o, tinha desapparecido como o relampago!

A capitulação de Milão obrigou Garibaldi a embainhar a espada; mas tirou-a de novo quando julgou que, defendendo Roma contra o exercito francez, inda servia á causa da patria. O corpo de exercito, que Napoles enviou sobre Roma, foi por Garibaldi esperado na passagem, batido em Palestrina, e perseguido até Velletri. Ahi cáe o nosso heroe n'uma emboscada: no momento de ser tomado, a sua presença de espirito e a sua coragem lhe dão meios de escapar-se. Immortalisa-se em Roma pela defesa d'um bastião, sáe da cidade com a sua gente, e emigra para a America, onde para viver se faz negociante, vida que mal podia convir á sua natureza de soldado. Em 1852 é commandante superior do exercito peruano. Acabada a guerra, dirige-se para S. Francisco, e de lá á China, d'onde volta á America.

As saudades da patria eram, porém, mais fortes que tudo. Retorna a Genova, onde toma o commando d'um navio mercante. Retirado depois á ilha Caprera, n'ella faz agricultura em grande. De tempo a tempo vinha no seu pequeno cutter a Nice, sua patria, onde tinha muitos amigos, á cata de novidades. Póde já desembainhar a espada? Terá a patria dentro em breve necessidade do seu braço? Estava tudo

prestes a combater a dominação austriaca? Sim; era chegada a hora.

Quando Victor Manuel viu o Piemonte invadido pelos austriacos, arrancou da espada que manejára valorosamente em Novara, e chamou em sua ajuda Garibaldi, cujas façanhas o tinham tornado celebre e feito amar como o mais energico soldado da independencia italiana. Garibaldi não hesitou. Gritou pelos seus antigos soldados, e encontrou n'elles o mesmo amor.

Nada ha mais simples que a proclamação de Garibaldi aos seus voluntarios. — « Não posso prometter-vos senão sêde e calor durante o dia, frio e fome durante a noite, perigo sempre; mas ao cabo d'estes padecimentos a liberdade da Italia. Fuzilo sem piedade os ladrões: puno severamente os desobedientes. Agora não vos deixeis tomar, porque não vos darão quartel. Sois livres: escolhei entre serdes fuzilados como cães por um pelotão de croatas, ou morrer com o sabre na mão sobre os cadaveres dos inimigos, gritando *Viva a Italia!* »

Adverso a contemporisações e demoras, Garibaldi foi o primeiro que entrou em campanha, precipitando-se sobre o territorio da Lombardia. Depois de Carlos Alberto, e Victor Manuel, o heroe italiano da peninsula regenerada é elle.

Na madrugada de 27 de maio, marchando sobre Como, encontrou os austriacos nas alturas da cidade, e atacou-os vigorosamente. O combate durou das cinco horas da manhã até á noite, combate encarniçado, em que havia tres austriacos para um dos de Garibaldi. Disputou o terreno palmo a palmo e, commandando em pessoa, carregou a cavallo com a espada na mão, e fez-se senhor da cidade. Os austriacos retiraram-se para Milão, deixando no campo de batalha grande numero de mortos e feridos. Depois d'algumas horas de repouso, Garibaldi marchava com intrepido heroismo sobre Milão, e de passagem expulsava os inimigos de Camerlata.

O corpo de Garibaldi tomára o nome de *Caçadores dos Alpes*, — dois bellos regimentos de dois mil homens cada um, de excellente disciplina, e de incrivel ardor. Composto de voluntarios italianos, patriotas que se batem, não pelo sacco, mas pela independencia do paiz, os seus chefes são geralmente antigos officiaes do exercito de Roma, de Toscana e de Veneza, ou emigrados napolitanos. Em menos de dois mezes teve a sua gente perfeitamente instruida. Um esquadrão de guias serve aos reconhecimentos, e de escolta ao general. Todos os cavalleiros, equipados á sua custa, pertencem ás melhores familias do reino Lombardo-Veneziano. Garibaldi, desejando ter uma bateria de artilheria ligeira, foi tomal-a ao inimigo.

Apoiado pelo corpo do general Niel, que marchára tambem sobre a Lombardia, e passára o Tessino em 31 de maio, perto do logar onde este rio parte do lago Maior, Garibaldi não fez depois d'isso senão marchar de triumpho em triumpho.

A recente convenção que suspendeu as hostilidades, parece que lhe não agradou, e o não poz em ferias. O tempo mostrará se a missão do guerreiro acabou já, ou se a independencia italiana ha de ainda carecer do esforço do seu braço.

ADEUS.

Ai! adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado;
Sôa a hora, o momento fadado;
É forçoso deixar-te e partir.

Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias d'amor e ventura!
E quão cheios de longa amargura
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes!
Já o outono lhes despe os encantos;
Cedo o inverno, com gélidos mantos,
Baixará das montanhas d'além!
Tudo triste, sombrio e gelado,
Ficará sem verdura nem flores;
Tal meu seio, privado de amores,
Ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei, se o destino
Me dará que eu te abrace na volta!...
Ai! quem sabe onde a vaga revolta
Levará meu perdido baixel!...
Sobre as ondas, sem norte, e sem rumo,
Açoitado por ventos funestos,
Sumirá por ventura seus restos
Nas voragens d'ignoto parcel.

Mas ah! longe esta idéa sombria!
Longe, longe o cruel desalento!
Após dias d'amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.
Dá-me ainda um sorriso em teus labios,
Uma esp'rança que esta alma alimente,
E na volta da quadra florente
Eu co'as flores virei outra vez.

Mas se as flores dos campos voltarem
Sem que eu volte co'as flores da vida,
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir;
E cada anno que o sopro do outono
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te inda do adeus derradeiro,
D'este adeus que te disse ao partir!

A. A. S. DE PASSOS.

ADEUS.

(Parodia).

Ai! adeus! acabaram-se os dias
Que eu nas aulas passei descuidado;
Vem chegando o momento fadado,
Da sentença o momento fatal.
Quão formosas que foram as horas,
Que eu passei a dormir na marqueza,
E quão cheias serão de incerteza
As da vesp'ra do exame final!

Vêde em roda este pateo deserto,
Já o exame lhe despe os encantos:
Cedo as ferias por todos os cantos
Deixarão verde relva crescer!
Tudo então com as aulas fechadas
Ficará melancholico e mudo;
Taes meus livros privados de estudo
Ficarão na poeira a jazer.

Mas não sei, ai! não sei, se algum lente
Me dará o seu R maldito!
Oh! quem sabe o problema exquisito
Que inventar ha de alli o traidor?
Posto em pé, giz na mão, junto á pedra,
Sem palavra eu saber........ que tortura!
Meia hora de eterna amargura!.....
E a ampulheta parada!.... Que horror!

Mas ah! longe esta idéa sombria!
Longe, longe o cruel desalento!
Após dias de estudo e tormento
Virão dias de folga e prazer:
Passarei pela vista o compendio,
Perderei uma noite no estudo,
E depois d'este exame tão rudo
Virão ferias dourar-me o viver.

Mas se as aulas de novo se abrirem,
Sem que eu volte á frequencia apressado,
Chorem todos quem já sepultado
Dorme ao longe o dormir sepulchral!
E cada anno que o mez dos exames
Sobre a eschola passar tormentoso,
Lembrem-se inda do adeus tão saudoso,
Que eu lhes disse no exame final!

Julho de 1858.

W.

REINADO DE D. PEDRO II.

(Fragmento).

PORTUGAL EM 1690.

Qual era a situação particular de D. Pedro II, e do seu governo n'esta epoca?

Bem feito e apessôado ainda, o rei conservava bom discurso, e espirito penetrante para toda a casta de negocios. Applicava-se muito a elles; assignava de proprio punho todos os despachos e expediente, e tomava conta miuda de tudo o que occorria. Naturalmente bravo, mesmo até á temeridade, expunha-se facilmente aos perigos, saindo de noite com um só homem por conserva, combatendo touros, ou caçando javardos, sujeitando-os pelas pontas, ou pelas orelhas, quando o desmontavam; e saindo mesmo, muitas vezes, ferido por elles. Em contradicção com isto, nos negocios d'estado era timido, pouco emprehendedor, irresoluto em tudo, desconfiado até dos principaes ministros, não fazendo o menor caso das resoluções do conselho, nem das advertencias dos tribunaes, cujas consultas muitas vezes mandava rever por juntas, ou assembleas de pessoas escolhidas, que não tinham nenhum caracter official, com o que desgostava extremamente não só os ministros do conselho d'estado, pessoas da primeira qualidade, mas tambem os conselheiros dos tribunaes.

Parecia religioso: jejuando com muita exactidão, muitas vezes a pão e agua, era esmoler, frequentava os sacramentos, e tinha muita consideração pelos frades, a quem dava todas as entradas no paço. Divertimentos só se permittia o da caça, e o das mulheres, *ás quaes se entregava com excesso*, procurando as mais dissolutas e perdidas, que lhe tinham alterado a saude, já agora restabelecida, ao que parecia.

Raramente se mostrava á nobreza e ao povo fóra das audiencias publicas ou da capella. O demais tempo passava-o na sua camara, onde despachava os negocios com os ministros, ou se entretinha com os mais infimos dos criados, gente de baixissimo nascimento, concertando com elles até as menores cousas da sua casa. Quem o ouvia fallar crêl-o-hia mui conhecedor dos interesses do estado, e mui reconhecido aos serviços que recebia; como porém estava sempre indeciso, e era pouco resoluto, facilmente recebia impressões contrarias. D'aqui toda a desordem do reino, que não tinha força de reprimir.

Passava sem primeiro ministro, o chamado escrivão da puridade; mas punha muita fé nos outros, e nos conselhos de Roque Monteiro, homem d'espirito, mas de pouca experiencia, e de mui baixa extracção, juiz do conselho da inconfidencia, tribunal que conhecia dos crimes d'estado.

Junto á pessoa do rei havia dois camaristas, que serviam ás semanas, um o marquez d'Alegrete, conselheiro d'estado, que fôra embaixador a Neubourgo para trazer a rainha a Portugal; outro o marquez de Marialva, mestre de campo do regimento de Cascaes. Eram os dois que mais mereciam a confiança do rei.

O conselho d'estado compunha-se de gente da primeira nobreza. Não tinha numero fixo, mas nunca contára mais de quinze conselheiros. Então só tinha oito, que eram o duque de Cadaval; o cardeal D. Verissimo d'Alencastro, inquisidor-mór; o marquez d'Arronches; o arcebispo de Lisboa, seu irmão; o conde de Val-de-Reis, mordomo-mór da casa da princeza; D. Fernando, conde da Ericeira; o marquez d'Alegrete; e Francisco de Tavora, conde d'Alvor, que, pouco tempo havia, voltára do vice-reinado das Indias orientaes.

Este conselho, que só devia conhecer d'altos negocios, consumia-se na discussão de mil pequenissimas cousas, que o rei lhe encommendava, e sobre as quaes o parecer que dava quasi nunca era seguido.

O secretario d'estado era quem relatava os negocios no seio do conselho, mas não tinha n'elle nem logar nem voto deliberativo, sentando-se na extremidade da mesa n'um pequeno tamborete concedido como privilegio a alguns de seus predecessores, revestidos do caracter episcopal, que não tinham querido submetter-se ao antigo costume de despachar de joelhos. O mesmo secretario recebia todos os dias na secretaria d'estado as petições ou exposições dirigidas ao rei, ouvia os ministros estrangeiros ou os subditos, e de tudo dava conta a D. Pedro II. Mendo de Foios, que então servia, fôra por muito tempo enviado junto de sua magestade catholica, e era suspeito de pertencer á facção hespanhola.

Quanto aos conselheiros d'estado, nenhum havia que racionalmente se podesse suspeitar de parcial de Hespanha; mas como receiassem que a França triumphasse da fraqueza dos hespanhoes, não contribuiam a enfraquecel-os mais; no que o rei e elles pareciam fazer consistir todo o interesse do estado, imaginando que a nossa ruina seguiria logo a de Hespanha. Era isto uma das principaes razões por que o governo portuguez cerrava ouvidos ás propostas da França.

Além do conselho d'estado havia o tribunal chamado desembargo do paço, composto de seis conselheiros, gente de toga, tirada da relação, e um presidente, homem nobre, qual era o monteiro-mór, da casa de Mello. Este tribunal conhecia em revista das sentenças da relação, e d'outros negocios que o rei lhe commettia. Propunha os juizes, examinava-os, e mesmo os desembargadores da relação da cidade do Porto, d'onde eram tirados os da relação de Lisboa.

O conselho da fazenda compunha-se de seis conselheiros d'espada e toga, e tres presidentes, pessoas de qualidade, que presidiam alternadamente ás semanas. Dos presidentes era um o marquez d'Alegrete, que tinha a repartição das alfandegas; outro o conde da Ericeira, junior, que tinha a da marinha, commercio, e manufacturas; o terceiro o conde da Castanheira, que tinha a da revisão das contas. Estes cargos tinham, cada um, mais de cinco mil cruzados de ordenado, somma consideravel em relação aos outros.

O conselho ultramarino era composto de um presidente, o conde de Val-de-Reis, e de seis conselheiros. Não tinha então mais que dois membros, o conde de Pontevel, e Diniz de Mello, governador da provincia do Alemtejo; e como todo o conselheiro d'estado tinha direito a entrar n'este, e eram ao me-

nos precisos tres para os despachos; o secretario, nas duas vezes que este conselho reunia por semana, chamava dos conselheiros d'estado aquelle que achava melhor para preencher o numero. Intendia em todos os negocios que respeitavam á gente de guerra, e propunha ao rei os individuos mais adequados aos logares vagos.

Havia tambem a mesa da consciencia, composta de um presidente, homem nobre, Diogo de Mendonça, e seis conselheiros, quatro padres e dois magistrados. Conhecia dos negocios da religião em toda a extensão dos estados portuguezes, do que dizia respeito aos escravos, aos bens dos que morriam sem testamento, e de que não appareciam herdeiros, ás commendas das tres ordens militares, de Christo, San-Thiago, e Avis. Serviam com o habito de Christo, e eram tambem juizes dos crimes dos cavalleiros d'estas tres ordens, de que o rei era grão-mestre.

A junta dos tres estados compunha-se de seis conselheiros, dos quaes os dois representantes do terceiro estado eram pessoas nobres que recebiam d'elle procuração. Esta junta conhecia de todos os impostos lançados ao povo, e da applicação que d'elles se fazia, já com os assentistas ou fornecedores das subsistencias das tropas, já com a fortificação das praças, e outras despezas similhantes.

A junta do commercio era composta de um presidente, o conde de Pontevel, e de seis conselheiros, dois letrados, e os outros negociantes. Conhecia do que dizia respeito ao commercio das conquistas, para onde enviava comboios. Tinha n'este tempo quatro navios de guerra (tres annos antes ainda tinha cinco!) e um regimento de infanteria com 700 ou 800 homens, destinados áquelle fim. Recebia grandes direitos pelo comboio. Pagavam-lh'os o assucar, o tabaco, e outras mercadorias que vinham das colonias, excepto as Indias, com que a junta nada tinha. Dava conta ao rei do que lhe sobrava das receitas.

Todos estes conselhos, juntas, tribunaes, nada podiam resolver por si mesmos. Consultavam tudo, mas muitas vezes o rei resolvia o contrario do que elles lhe propunham.

A justiça ordinaria era administrada por juizes particulares, e, em caso d'appellação, por uma relação. Todos os processos se julgavam por escripto. O regedor era o chefe das justiças, cargo triennal, exercido por homem d'espada e da primeira extracção. Occupava-o então o conde d'Alvor. Cada bairro tinha seu corregedor.

Só a nobreza ou fidalguia gozava de consideração. Isto a tornava extremamente soberba. Os titulares ou grandes nunca acompanhavam o rei, nem quando elle saia, nem quando dava audiencia, sem que para isso fossem avisados por um bilhete do secretario d'estado. Assim, cortezãos no paço era cousa que se não via. Só nas audiencias era o rei visivel.

Havia um secretario chamado das mercês ou das graças, Pedro Sanches Farinha, que recebia todas as petições das pessoas que pediam recompensa de serviços, geralmente quantos haviam exercido algum cargo, ou na casa real, ou no estado, porque os ordenados eram mediocres. Nem mesmo o vice-reinado das Indias, e os governos de todas as praças das conquistas, deixavam de dar direito a pedir essas graças, inda que trouxessem de lá sommas consideraveis. As graças que se faziam ordinariamente, eram, ou uma das tres ordens militares, ou alguma commenda d'ellas, ou pensão sobre algum almoxarifado, ou sobre direitos reaes, o que esgotava os rendimentos da corôa, e os punha, como estavam, complicados com anticipações.

Depois do tratado de paz com Hespanha, tinham licenciado as tropas, conservando apenas nove mil homens de infanteria, e mil cavallos, e alliviado os povos da decima que pagavam do rendimento de seus bens. Votára-se em cortes o tributo annual de um milhão de cruzados para pagamento da gente de guerra, fortificação de praças, despezas dos embaixadores, e outras obrigações do estado, segundo o calculo feito então. A imposição d'este milhão, foi metade sobre o tabaco, e outra metade sobre o vinho, etc.

A arrematação d'estas rendas subíra muito depois, e as despezas diminuiram; mas tudo isto, seja dito em abono da verdade, sem proveito do rei, que não tinha para mantença da casa real mais que a renda do seu antigo patrimonio da casa de Bragança, apenas duzentos mil cruzados.

Para a marinha, costeio e armamento dos navios, havia um fundo especial. Era o direito chamado do consulado, tres por cento sobre todas as mercadorias que entravam ou saiam, e que subia a trezentos mil cruzados. O conde da Ericeira, junior, é que dispunha d'este fundo, que os poucos armamentos que se faziam não podiam consumir todo, mas que era distrahido para outros usos, ou dissipado em despezas inuteis.

(Continúa).

JOSÉ DE TORRES.

RESOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2.

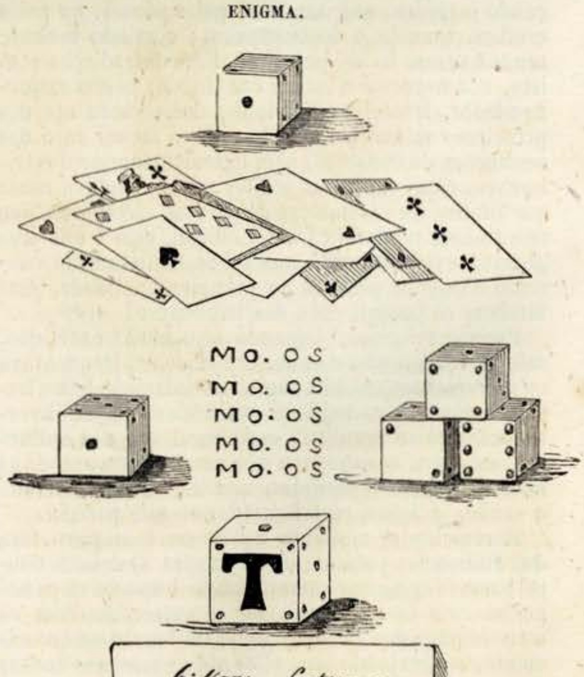
Este problema do segundo gráo produz a seguinte equação:

$$\left(\frac{x}{10} + 3\right)^2 = x + \frac{1}{4}x$$

da qual se deduz pela resolução

$$x = 20 \quad , \quad x = 45 \text{ annos.}$$

ENIGMA.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 47.